

AS CRIANÇAS NASCIDAS PARA A MORTE

Transcrevo abaixo uma parte do artigo "Os gêmeos e a morte: notas sobre os mitos dos Ibeji e dos abiku na cultura afro-brasileira", da autoria de Monique Augras, publicado em "As senhoras do pássaro da noite", coletânea organizada por Carlos Eugênio Marcondes de Moura.

"... Entre os iorubá, quando muitas crianças de uma mesma família nascem e morrem sucessivamente, considera-se que, na realidade, trata-se da mesma criança que morre e renasce continuamente.

Ela não tem a menor intenção de permanecer neste mundo, pois pertence a uma confraria de espíritos astuciosos que se divertem demais juntos e que, desde seu nascimento, anseiam por regressar para junto de seus amigos e com eles se entreterem.

Quando são chamados para nascer, despedem-se, marcando um encontro para o dia de seu retorno.

É por isso que são denominados Abiku, que, muito literalmente, significa "aqueles-que-nascem-para-morrer".

O "filho substituto", portanto, é necessariamente um abiku, pois nasce após a morte de um irmão.

É preciso multiplicar as precauções mágicas para impedir essa criança de voltar a brincar com seus companheiros.

Amarram-se guizos em seus tornozelos ou então pulseiras de metal que se entrechocam.

Diz-se que, assustados com esse barulho, os espíritos travessos não viriam relembrar à criança a promessa por ela feita e, talvez, ela a esqueça.

Oferecem-se também sacrifícios, alimentos que agradam aos espíritos Abiku, a fim de os tornar benfazejos.

Dá-se sobretudo à criança um nome cuja virtude deve permitir-lhe resistir ao apelo da morte:

"A-criança-voltou" (Omotunde),
"A-vida-é-suave" (Aiyédun),
"Não-morra" (Maaku),
"Aquele-que-vem-do-céu-voltou" (Ayorunbó),
"A-morte-o-esqueceu" (Kuforijin),
"Não-se-deixe-morrer" (Kojeku),

para citar apenas alguns, entre tantos outros nomes levantados por R.C. Abraham e P. Verger (1968).

Os membros das comunidades de origem africana conservam estas tradições no Brasil.

Ao nome geralmente católico acrescenta-se discretamente um desses "nomes poderosos", como é o caso, por exemplo, de "Pedro Kiké" (indulgente), citado por Verger (1968), dado ao neto da mãe-de-santo de um terreiro do Estado de São Paulo, que reconheceu nele um abiku. Com efeito, não há necessidade de se esperar uma sucessão de lutos para identificar uma criança-nascida-para-morrer.

O jogo de búzios (erin dilogun), que os fiéis do candomblé consultam em todos os momentos decisivos de suas vidas, permite prever as ameaças que pesam sobre o recém-nascido.

As crianças cujo parto foi muito difícil, aquelas que, por ocasião do nascimento, perdeu-se a esperança de salvar, bem como aquelas que nascem após uma série de abortos, são igualmente incluídas entre os abiku.

O diagnóstico precoce, se assim se pode dizer, da presença de uma criança-nascida-para-a-morte é extremamente importante.

Agindo-se com conhecimento de causa, poder-se-á multiplicar as precauções e as oferendas, a fim de reter na vida o abiku recalcitrante.

Se, apesar de tudo, ele morrer, considera-se que é uma prova da maldade da confraria.

Os autores que realizaram investigações de campo na Nigéria e no Benin (Abraham, 1962, Bascom, 1980, Verger, 1968) informam que, segundo o costume, o pequenino cadáver é mutilado ou mesmo queimado, para privar o abiku de qualquer vontade de recomeçar.

Nada disto ocorre no Brasil, pelo menos no estágio atual de nossos conhecimentos. Se, ao contrário, a criança sobreviver, tornar-se adulta e até mesmo alcançar uma idade avançada, ela, entretanto, será tratada diferentemente das outras pessoas.

Sabe-se que no candomblé brasileiro os sacerdotes e sacerdotisas têm a cabeça raspada por ocasião da iniciação.

A cabeça é, com efeito, o receptáculo do deus ao qual o noviço é consagrado e que irá manifestar-se por meio da possessão.

Ao longo de toda a sua vida de iniciado, sua cabeça receberá um tratamento ritual que objetiva fortalecê-la.

Por ocasião dos aniversários religiosos, após um, três, sete e vinte e um anos de iniciação, ou então por ocasião do acesso a cargos eminentes, a cabeça do sacerdote será novamente raspada, entre outras manipulações destinadas à construção simbólica do corpo do iniciado (Augras, 1986).

Na linguagem dos fiéis do candomblé, "ser raspado" tornou-se sinônimo de iniciação, e a navalha é um dos instrumentos entregues com grande pompa à mãe-de-santo de um terreiro por ocasião de sua investidura, como emblema de suas novas funções.

Ora, é proibido raspar a cabeça de um abiku.

Se isso fosse feito, ele morreria na hora.

É que o rito tem por função estabelecer, se assim se pode dizer, a permeabilidade da cabeça às forças do além.

Então nenhuma barreira deixaria de se opor aos chamamentos da confraria (dos abiku).

Os ritos de iniciação incluem uma experiência de morte simbólica.

Aquele a quem se subtrai cotidianamente à morte não deve, portanto, se expor jamais a ela.

O laço que o liga à vida é tão tênue que se deve evitar toda tentação a essa pessoa. Além disso, a criança prometida à morte, que escapou de várias tentativas de retorno ao não nascimento, é, de algum modo, mantida em constante estado de liminaridade, que se opõe à delimitação instituída pelos ritos de passagem.

A iniciação, ao mesmo tempo que abre uma brecha entre dois níveis de existência, logo a fecha.

Ritos preliminares e pós-liminares garantem respectivamente a separação do estado anterior e a agregação do novo estado (Van Gennep, 1909).

A ordem do mundo é novamente afirmada.

O abiku, ao contrário, é o morto-vivo, o espírito que reencarna incessantemente, o ser marginal.

A presença desse espírito matreiro e teimoso cria um estado permanente de alteridade, que proíbe o acesso a esse outro tipo de desdobramento que é a possessão ritual, pois o deus não pode manifestar-se em uma cabeça que não foi preparada segundo o costume.

No caso do abiku tudo parece transcorrer como se ele, encarnando seu próprio duplo, não estivesse mais disponível para a manifestação do Outro divino.

O reino da morte, Outro absoluto, opõe-se ao dos deuses e, nas comunidades de candomblé, o culto dos orixás é totalmente separado do culto dos espíritos ancestrais. A iniciação opera, de algum modo, uma domesticação da morte no plano simbólico, necessária à construção ritual da dualidade que, no instante culminante da possessão, se faz síntese (Augras, 1983).

O abiku, ao contrário, já é dado como um ser dual.

Mantido à força entre os vivos, movimenta-se em um espaço não delimitado, em um presente vivido no modo do passado.

O "filho substituto", na tradição iorubá, não é usurpador, como nas famílias descritas por B. Brusset mas, de modo semelhante, é o filho do desejo de abolir a morte e, como tal, não encontra seu lugar em parte alguma.

Sem espaço definido e sem tempo próprio, seu ser é o de um outro."

Formas de Abikú

- 1. Abikú Inã ou Izô – Abikú do Fogo:** que come a cabeça da mãe (mata-a) no nascimento, ou do pai posteriormente pôr acidente.....
- 2. Abikú Omí ou Azin – Abikú da Água:** este é o tipo de abikú que nasceu de 6, 7 ou 8 meses. Geralmente explode a bolsa d'água da mãe nesse período vai para a incubadora. Morre precocemente ou cresce e sai desse período crítico
- 3. Abikú Alé – Abikú da terra:** este é o tipo de abikú, que estão mais intimamente ligados aos seus companheiros da floresta que com freqüência o chamam de volta. Muitas vezes nascem pôr cesariana ou de parto normal sanguinolento....
- 4. Abikú Fefe – Abikú do Vento:** este tipo difere um pouco dos demais pôr ser de especial origem no meio do convívio das pessoas. Ele destaca-se em todo ambiente desde seu nascimento que, em geral, foi inesperado ou não planejado. São emocionalmente instáveis....

Texto de Eduardo Fonseca Junior – Professor de Teologia e Cultura Afro-Negra